

RAFAELLA NATALICIO

A GESTÃO:

Um olhar para o desenvolvimento humano

SÃO PAULO

2008

RAFAELLA NATALICIO

A GESTÃO :

Um olhar para o desenvolvimento humano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para aprovação na Habilitação de Administração Escolar do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Vitória Helena Cunha Espósito e co-orientação da Profa. Dra. Helena Machado de Paula Albuquerque.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
SÃO PAULO

2008

NATALICIO, Rafaella.

A GESTÃO: Um olhar para o desenvolvimento humano.
Rafaella Natalício. Trabalho de Conclusão de Curso –
PUC – São Paulo, 2008.

1.Desenvolvimento humano, 2.Gestão, 3.Alienação,
4.Autonomia.

RAFAELLA NATALICIO

A GESTÃO : Um olhar para o desenvolvimento humano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Habilitação de Administração Escolar.

Aprovado em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____

Prof. _____

Prof. _____

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha família
que me apoiou nestes quatro anos
de curso.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora e Professora Vitória Helena Espósito que me acolheu e me acompanhou neste estudo, me desafiando sempre.

Aos professores da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, que me ensinaram a olhar o mundo com outros olhos e descobrir o prazer de ser educadora.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo despertar no leitor um novo olhar para a gestão escolar. Para isso, traz como foco o conhecimento do desenvolvimento humano, a partir de pesquisas bibliográficas de fenomenólogos e sociólogos. Por fim, uma proposta de intervenção.

Palavras-chave: desenvolvimento humano, gestão, alienação, autonomia.

SUMÁRIO

Dedicatória	V
Agradecimentos	VI
Resumo	VII
Justificativa	X
I O DESENVOLVIMENTO HUMANO	1
1 A escola e a sociedade	1
1.1. O ser existe em “oportunidades”	3
1.2. Autenticidade e inautenticidade	4
1.3 O conceito de gestão participativa a partir do conhecimento sobre o desenvolvimento humano	5
1.4 Conclusão	8
PROPOSTA PEDAGÓGICA: ASSESSORIA ESCOLARTE	
II Caracterização do empreendimento	10
2.1 Objetivo	10
2.2 Público Alvo	10
2.3 Justificativa	10
2.4 Serviços	11
2.5 Localização	12
2.6 Lay-out da empresa	13
III Viabilização	14
3.1 Pessoal	14
3.2 Investimento	14
3.3 Custos Fixos	15
PROJETO DE INTERVENÇÃO	
1. Justificativa	16
2. Objetivos	16
2.1 Objetivo Geral	16
2.2 Objetivo Específico	17
3. Especificações	18

3.1	Publico Alvo	18
3.2	Carga Horária	18
4.	Metodologia de trabalho	18
5.	Conteúdo	19
	Modulo I	19
	Temas sugeridos	19
	Modulo II	20
6.	Formas de apresentação	20
7.	Avaliação	20
	TEXTOS PARA DISCUSSÃO	
1	Um plano para o ambiente do currículo humano	22
1.1	Definição dos objetivos gerais de um currículo Humano	26
2	Todos nós... Ninguém: Um enfoque fenomenológico do social	28
2.2	Para recuperar a educação: Uma aproximação à ontologia heideggeriana	30
3	Buscando o sentido das palavras: construindo as bases para um trabalho participativo na escola	33
	APÊNDICE	
	Cronograma	37
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

JUSTIFICATIVA

Escolhi como tema para o Trabalho de Conclusão de Curso algo que marcou muito a minha trajetória pessoal e profissional.

Durante toda a minha escolaridade, acreditei que “ser capaz” era privilégio de poucos. Sempre estudei em escolas que premiavam e valorizavam crianças que mais se destacavam com boas notas, mas após algumas vivências de estágio, aprendi que existem alguns fatores contidos na dinâmica das relações interpessoais que influenciam o desenvolvimento humano .

Ser capaz não significa ser o melhor no que faz, mas sim desenvolver habilidades necessárias para realizar uma determinada tarefa. Esta descoberta pode ocorrer pela troca de vivências e experiências de forma delicada ao momento.

Sabemos que a realidade do mundo não é absoluta, mas sim significativa para o sujeito. Se tivermos clareza dos princípios que regem nossas ações e a direção da consciência comprometida com os princípios democráticos, saberemos, ainda que, com algumas dificuldades, construir fundamentos consistentes para a mudança. Caso contrário seremos cúmplices da participação alienada.

PROBLEMA: Como se organiza a gestão para o desenvolvimento humano e institucional?

I. DESENVOLVIMENTO HUMANO

1. A escola e a sociedade

Vivemos em uma sociedade que estratifica os indivíduos em diferentes grupos. Cada grupo traz consigo idéias, costumes e valores culturalmente construídos. Indivíduo e a sociedade são partes da mesma história coletiva que se inscreve no corpo (indivíduo) e nas coisas (instituições). A interiorização dos determinismos sociais transforma-se em verdadeiros traços de personalidade do indivíduo que sistematiza inconscientemente as formas de agir, pensar e de perceber o mundo e as pessoas.

Só o acesso ao conhecimento (científico, filosófico, sociológico, entre outros) e a busca do auto-conhecimento irá possibilitar ao homem adquirir habilidades para enfrentar os desafios que a vida e os novos tempos irão propor, além de formar seres autônomos em saberes, críticos da realidade social em que se encontram e livres para poder trocar vivências e dividir experiências.

O ser autônomo, livre, pode fazer opções, seja pela conservação do status quo, seja por mudanças. Essa tarefa se torna tão mais difícil quanto mais as alterações se referirem a comportamentos e valores introjetados ou mudanças sobre a “sua realidade”.

Tornar-se autônomo significa impulsionar-se em direção ao seu próprio crescimento e, conseqüentemente, a uma gradual libertação da ignorância, do medo de si mesmo, do desconhecido, da autoridade, da insegurança e do medo do comprometimento e do risco.

A libertação dos temores e da ignorância capacita o indivíduo a responder ao seu ambiente com mais segurança. Esta libertação está associada à força, à confiança e ao conhecimento de si mesmo, do outro e do mundo.

Alguns autores defendem a idéia de que a educação deve limitar-se a formar grandes mentes, profissionais aptos para o mercado de trabalho, por meio de uma instrução sistemática e reprodutora da ideologia dominante, transmitindo valores aparentemente neutros, mas esquecem que a escola é uma instituição social que tem um papel de fundamental importância para a formação do ser humano e precisa estar comprometida com a educação libertadora de tabus interiorizados, que o coletivo introjeta como importantes.

Considero ser preciso reformar o pensamento dos educadores para que entendam a complexidade que existe na sociedade, conscientizando-os para a participação e percepção do outro, pois os fatores humanos além daqueles puramente intelectuais e acadêmicos desempenham uma função muito importante no crescimento humano.

1.1.O ser existe em “oportunidades”

Ao pensar o “ser-no-mundo” a partir da vida cotidiana, o que enxergamos é o homem sendo com os outros homens sempre da mesma maneira e de forma extensiva a todas as possibilidades de relações humanas. Este fato se apresenta como “oportunidades” da vida, uma vez que ser com os outros é um caráter constitutivo do próprio homem. Estas “oportunidades” são situações que se manifestam de diferentes formas dependendo do espaço em que se apresentam.

No nosso cotidiano, partilhamos instituições como Famílias, Igrejas, Escolas entre outras, que nos legam condutas e normas a serem seguidas de forma invisível em um primeiro momento da condição de existência humana. Estas instituições se fazem representar por símbolos que caracterizam os diferentes grupos.

Ao participar de uma instituição, entendendo que o homem é um ser no mundo com o outro e que neste estar *sendo* existem trocas, torna-se impossível não olhar para este grupo, sem se perguntar quais são os valores e crenças da instituição que o permeia e quais as relações que poderão se estabelecer a partir das condições impostas para ele.

1.2. Autenticidade e inautenticidade

Sabemos que as atitudes, os valores e as aspirações dos indivíduos são influenciados pela rede e pelo fluxo de relações das quais ele participa. Estas relações surgem dentro de um determinado espaço e tempo e em razão desta temporalidade, podem desenvolver-se enquanto consideração e paciência, de forma profunda e verdadeira ou desconsideração e negligência.

O homem absorve-se no mundo onde faz sua morada, referindo-se e cuidando de diferentes formas deste seu envolvimento. Nisto está implícito a temporalidade. O futuro abre ao homem este estar aqui na oportunidade da vida. O homem descobre-se sendo *aqui*, para ser *lá*. O que se faz agora e *aqui* recebe seu sentido do *lá* do mundo.

Ao relacionar-se nesta forma de ser com o outro, vendo-o como um outro e fazendo isto de forma significativa e envolvente, o indivíduo terá consideração consigo mesmo, respeitando a si e ao outro em vista de tudo que foi vivenciado ou experienciado. Algo que acontece ao homem no existir cotidiano.

Se ao homem é dada a condição de ser em possibilidades, tanto a inautenticidade como a autenticidade como modo de ser lhe são abertos e se desdobram no modo pelos quais os homens se relacionam entre si, seja no espaço que for, sem privar o presente de seu valor intrínseco.

1.3. O conceito de gestão participativa a partir do conhecimento sobre o desenvolvimento humano

Ainda hoje, as instituições escolares seguem um modelo de representação de escola fruto de uma cultura escolar herdada, impregnada de valores excludentes. Na medida em que se avança na capacidade de se trabalhar em equipe e no aprendizado de uma nova maneira de dialogar com as partes envolvidas no processo educativo, tornam-se necessários outros esquemas de compreensão ou modelos que se apresentem como parâmetros ou referências para a gestão escolar.

A expressão Gestão Escolar não se refere apenas a uma mera substituição do termo Administração Escolar, mas sim, diz de mudanças na maneira de pensar, de interpretar e compreender a escola, de planejar e organizar as ações e as condutas.

Além disso, o conceito de gestão implica também uma re-interpretação do que é liderança gestora, pois esta assume grande relevância na contribuição individual e coletiva.

Situações de conflitos nas relações interpessoais, por exemplo, dificilmente poderão ser resolvidas por estilos de liderança que se apoiem apenas no poder de posição, com formas autoritárias de decisão, pois certos valores são vistos e tratados de forma unilateral.

Quando a escola compreende que nos deparamos cotidianamente com "oportunidades" para nosso desenvolvimento e que a instituição faz parte deste

mundo de oportunidades, fica fácil entender que para que haja o crescimento da instituição é preciso estarmos atentos a questões referentes à articulação de talentos humanos e sinergia¹ coletiva.

A Gestão participativa pressupõe um compartilhamento de responsabilidades no processo de tomada de decisão e na hora de executar a ação, o que caracteriza a dimensão do crescimento humano para o desenvolvimento da instituição que se move do pensamento e da ação individual para a conversação entre as pessoas. É a partir da conversação que o indivíduo faz contato com os demais em qualquer ambiente.

Esta possibilidade pode tanto chegar ao nível das relações interpessoais, e deste modo criar amizade, como também ser um meio de descobrir novos meios satisfatórios de simbolizar o mundo. Descobrir novas relações entre os aspectos da realidade, novas maneiras de compreender e de apreciar um aspecto até então vagamente compreendido da realidade.

A conversação assim é uma arte, não apenas a arte de linguagem, pela qual o homem descobre formas de linguagem novas e simboliza a experiência de seu mundo, mas também a arte que conduz a formação de si mesmo e do outro. Falando e ouvindo, dialogando, o homem pode tornar-se cômico do que ele é ou o que pode tornar-se e da mesma forma pode ajudar seu companheiro a fazer isso também.

Podemos então falar de uma dimensão geral do crescimento humano que se move do pensamento e da ação individual para a conversação ou ainda, para abrir-se a uma outra pessoa para a ação e discussão em grupo.

¹ Sinergia: ato ou esforço simultâneo na realização de uma função.

Na descrição do crescimento humano apresentada por Maslow (1962), ao aproximar-se da maturidade pessoal, o indivíduo torna-se mais capaz de transcender as necessidades de autogratificação, segurança e aceitação social, porém, a analogia com a maturidade de modo algum é perfeita, mas em geral este conceito é significativo pois fala de uma crescente consciência ou firmeza da identidade pessoal.

Ao invés do indivíduo estar completamente absorvido no processo de tornar-se, ele é capaz de usufruir de seu próprio ser, de ser quem ele é e onde ele está, e ao mesmo tempo, usufruir e apreciar os outros pelo que eles são e apreciar o mundo e seus objetos por si mesmo.

Maslow diferencia estas possibilidades de percepções humanas como cognições. Dentre estas, a cognição classificada como D para o autor, é instrumental, usada para atingir um fim, o de tornar-se. A cognição B representa a percepção do objeto em seu próprio ser, sem referencia as suas qualidades e necessidades de gratificação ou de frustração.

A pessoa madura vive dois mundos o interior e o exterior que embora estejam em constante interação pode-se destacar processos e experiências distintas em cada um deles.

Um currículo que esteja preocupado apenas com o mundo exterior cognição D, produzirá pessoas imaturas e atrofiadas, enquanto aquele voltado à cognição B saberá avaliar e usufruir a condição de ser e estar vivenciando cada situação.

1.4. Conclusão

Sabemos que existem escolas com excelentes condições físicas e materiais, em que os alunos vivenciam uma escolaridade conservadora, outras em que o trabalho consciente de professores competentes perde-se em conjunto de ações pedagógicas desarticuladas, outras ainda, que embora tenham uma proposta pedagógica avançada e articulada, não conseguem traduzi-la em ações e tudo isso traz a falta de participação coletiva.

Ao mesmo tempo em que há uma inautenticidade no modo de ser cotidiano, onde ao “ser com os outros” o indivíduo afasta-se de suas próprias responsabilidades e de seu próprio ser, alienando-se, incorporando costumes e valores próprios ao senso comum, existe a possibilidade da autenticidade, não como uma extirpação do habitual, mas como uma modificação existencial do ser, na busca de alcançar sua autonomia, característica esta própria da condição humana.

Em uma organização escolar, a possibilidade de ser cotidianamente de forma autêntica e autônoma, amplia a possibilidade de se conseguir mobilizar talentos no processo educativo para a realização de um trabalho conjunto e integrado. Uma ação que envolve o auto-conhecimento de cada um e uma disposição para a mudança consciente, eliminando as segmentações que favorecem um clima de desconforto e medo entre os membros de um grupo.

PROPOSTA PEDAGÓGICA
DA
ASSESSORIA ESCOLARTE

"Mas na profissão, além de amar, tem de saber. E o saber
leva tempo pra crescer." Rubem Alves

II. CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

2.1. Objetivo

A empresa tem o objetivo de prestar serviços de consultoria e assessoria educacionais, atendendo instituições e profissionais de educação, visando à melhoria das relações profissionais e conseqüentemente o desenvolvimento humano na instituição. Além da disponibilidade para estudar propostas de implantação de projetos inovadores.

2.2. Público-alvo

Instituições de Ensino;

Gestores;

Educadores.

2.3. Justificativa

Com o dinamismo do cotidiano das instituições educacionais, os participantes destas instituições têm sua atenção demasiadamente voltada às rotinas, muitas vezes sem encontrar tempo ou oportunidade para trocar vivências e dividir experiências, refletindo em processos, métodos ou mesmo

modificações que possam apresentar melhores resultados, em um clima de avanço no papel profissional.

Neste momento a ajuda de profissionais externos, treinados e focados nos movimentos pedagógicos em todo o mundo, pode fornecer ferramentas inovadoras, através de cursos e elaboração de projetos educacionais.

O profissional da área educacional, pode encontrar na assessoria um espaço para trocar idéias, estudar, discutir, aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir acerca da sua prática.

2.4. Serviços

Coordenação de Grupos de Estudo sobre gestão participativa;

Elaboração de projetos educacionais;

Assessoria sobre relações profissionais da área de educação;

2.5. Localização

O local escolhido para instalar a assessoria foi analisado segundo as categorias da tabela a seguir e atende às principais necessidades.

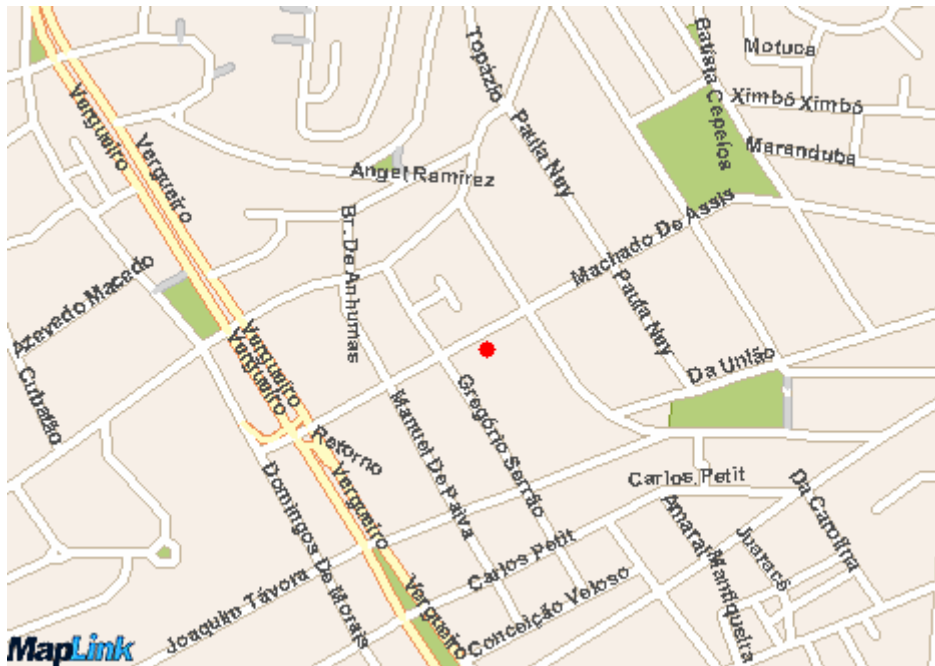
No quesito facilidade de estacionamento o local não atende às necessidades, porém existe a possibilidade de estabelecer convênio com estacionamento localizado na mesma rua.

Sobrado com: 4 salas, 1 cozinha, 2 banheiros, 1 sala de visita, área total 140 metros quadrados.

Fatores	1	2	3	4	5
Proximidade de escolas/faculdades				x	
Espaço interno do imóvel				x	
Bom acesso rodoviário		x			
Concorrente mais próximo					x
Estado do imóvel				x	
Facilidade de estacionamento	x				
Fluxo de tráfego			x		
Localização da rua				x	
Melhorias exigidas na locação			x		
Preço do aluguel				x	
Serviços urbanos					x
Tempo de contrato do aluguel				x	
Transporte público					x
Zoneamento adequado					x

Na tabela, os números 1,2,3,4,5, representam uma graduação da condição específica de cada item.

Desta forma, optou-se pela instalação da empresa à Rua Machado de Assis, 967 no bairro de Vila Mariana na cidade de São Paulo, como indica o mapa a seguir:



2.6. Lay-out da empresa

Cozinha	Sala4	Banheiro	Sala3	Sala2	Sala1
Sala de visitas – palestras e reuniões	Corredor				
	Escada				

Entrada

III. VIABILIZAÇÃO

3.1. Pessoal

Não será necessária a contratação de grande número de funcionários, uma vez que o dono será o responsável pelos projetos de assessoria, por ministrar os cursos e pela coordenação dos grupos de estudo.

Cargo	Quantidade	Salário	Encargos	Total
Consultora	1	2.500,00	-	7.500,00
Secretária	1	800,00	872,00	1.672,00
Faxineira	1	480,00	48,00	528,00
Total				9.700,00

3.2. Investimentos

Os investimentos necessários para o início das operações de um escritório de serviços, voltado à consultoria e assessoria, concentram-se em móveis, utensílios, equipamentos de informática e de comunicação, livros para pesquisa. Vale ressaltar que o imóvel já era de posse da família da dona, adquirido como herança.

Material de Pesquisa e Didático	3.640,00
Livros	2.200,00
Quadros Brancos	100,00
Outros	1.000,00
Computadores	3.000,00
Mesas/cadeiras	2.500,00
Sofá	300,00
Cafeteira	80,00

3.3. Custos Fixos

Custos Fixos	R\$
Salários	9.700,00
Advogado	1000,00
Material para trabalho da assessoria e consultoria	400,00
Material de limpeza	400,00
Luz	300,00
Telefone	100,00
Água	80,00
Total	11.980,00

PROJETO DE INTERVENÇÃO

1. JUSTIFICATIVA

Ao reconhecer que uma instituição escolar precisa constantemente refletir suas ações para que se perceba a cultura o clima que se instaura entre seus participantes, este projeto de intervenção, traz como proposta, um estudo para o desenvolvimento da instituição escolar a partir do desenvolvimento humano de seus participantes.

O professor que busca o auto-conhecimento tem mais facilidade para enxergar seus acertos e perceber seus erros, através do questionamento e da re-avaliação de seus pensamentos e ações. O educador que olha a si mesmo e questiona seus atos consegue olhar o outro e se reconhece como ser único e valioso, assim como seu próximo.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral

Diagnosticar e/ou identificar comportamentos e condutas de gestores e educadores, a fim de propiciar reflexões sobre a possibilidade de viver em um ambiente de trabalho que valorize as trocas de vivências e experiências próprios da concepção de gestão participativa dirigida ao desenvolvimento humano.

2.2. Específicos

Possibilitar aos participantes:

Perceber as relações existentes entre a sua história de vida e suas concepções acerca do mundo, do homem, da sociedade e da educação;

Re-avaliar suas prática;

Compreender que dentro de um grupo existem diversos tipos de linguagens;

Vivenciar situações que permitam mudanças de paradigma a respeito das idéias pré- estabelecidas na escola;

Trocar experiências;

Além de:

Promover a articulação entre as ações da organização escolar;

Despertar o reconhecimento da instituição como entidade viva e dinâmica;

Capacitar gestores para que saibam delegar funções;

Desenvolver a participação responsável e autonomia competente dos professores para as decisões necessárias mediante a um compromisso coletivo para com o desenvolvimento humano.

3. ESPECIFICAÇÕES

3.1. Público alvo

Gestores e docentes.

3.2. Carga horária

O curso terá a duração de 2 meses, divididos em 8 encontros com a duração de 5 horas semanais .

4. METODOLOGIA DE TRABALHO

Serão oferecidos dois módulos que se completam. Em um primeiro momento será feito um diagnóstico de comportamentos e condutas dos participantes a partir de perguntas sobre o dia-a-dia da escola. No segundo momento, o capacitador sugerirá temas que serão trabalhados a partir da leitura de sínteses de diferentes textos sobre gestão participativa e desenvolvimento humano.

Os participantes serão divididos em grupos, conforme o tema que se pretendam estudar. As aulas acontecerão em espaços diferenciados conforme a necessidade do grupo e o uso das diferentes linguagens será uma forma de romper com a maneira usual de se observar o mundo.

5. CONTEÚDO

O curso será dividido em dois módulos, sendo o primeiro pré-requisito para o segundo.

Módulo I

Diagnostico e/ou identificação dos comportamentos e condutas dos participantes e divisão dos grupos conforme os temas escolhidos previamente.

Exigências: nos grupos deverão participar pessoas de diferentes segmentos da instituição, dentre eles, professores, diretores, coordenadores e estagiários.

Temas sugeridos

Análise e rompimento com formas autoritárias de conduta;

A democratização das determinações no Projeto Pedagógico;

Questões conflitantes nas relações interpessoais de uma organização;

Relações sociais da organização;

Desenvolvimento e aperfeiçoamento da capacidade de se trabalhar em equipe;

Módulo II – Aprofundamento teórico

Como sugestões de estudo, o capacitador apresentará a síntese dos textos: Um plano para o ambiente do currículo humano e Definição dos objetivos gerais de um currículo humano de Thomas J.Sergiovanni e Robert J. Starrat (1987); Todos nós... Ninguém: Um enfoque fenomenológico do social de Dulce Mara Critelli (1981) e Buscando o sentido das palavras: construindo as bases para um trabalho participativo na escola de Vitória Helena Cunha Espósito (2005).

6. FORMAS DE APRESENTAÇÃO

Cada grupo apresentará uma parte teórica e uma parte que envolva ações, sejam em forma de teatro, mímicas ou canções etc.

7. AVALIAÇÃO

De insumos, de processos e de produtos.

TEXTOS PROPOSTOS PARA DISCUSSÃO

TEXTO 1: Um plano para o ambiente do currículo humano ²

Rafaella Natalicio

No texto “Um plano para o ambiente do currículo humano”, Sergiovanni e Starrat apresentam teóricos que criticam a ineficiência dos programas escolares a despeito das tentativas de inovações curriculares.

Goodlad (1967) por exemplo, admite que há uma correlação notavelmente baixa entre o sucesso acadêmico e a estabilidade pessoal, liderança, felicidade familiar e trabalho honesto.

James Coleman (1961) sugere em seus estudos que o autoconceito do indivíduo e a percepção de seu controle sobre o futuro são os fatores mais importantes para a realização.

Segundo os mesmos autores, fatores humanos além daqueles puramente intelectuais e acadêmicos desempenham uma função importante no crescimento humano.

A realização educacional está ligada a variáveis pessoais humanas que conduzem ao crescimento genuíno e maduro.

Uma visão unidimensional das escolas baseada em um modelo sistêmico, torna-se inadequada pois resulta em uma visão instrumental do próprio homem.

²Texto elaborado a partir da leitura do livro: Thomas J. SERGIOVANNI e Robert J. STARRAT, Novos padrões de supervisão escolar, p. 291-302.

Na mesma obra Sergiovanni e Starrat apresentam descrições de diferentes autores sobre o crescimento humano.

Maslow (1962) acredita que à medida que o indivíduo se aproxima da maturidade pessoal, torna-se mais capaz de transcender aquelas necessidades mais baixas ou inferiores. Em vez de estar completamente absorvido no processo de “tornar-se” algo ou alguém, de apenas lutar pelo sucesso, ele é capaz de usufruir o seu ser, de ser quem ele é e onde ele está, e ao mesmo tempo, usufruir e apreciar os outros pelo que eles são e apreciar o mundo e seus objetos por si mesmo.

Segundo esta distinção entre ser e tornar-se, Maslow diferencia as percepções humanas classificando-as como:

Cognição D: percepção egoísta no sentido de que o mundo é organizado em gratificadores e frustradores das nossas próprias necessidades e instrumental, porque é usada para atingir um objetivo específico. Não considera o seu valor para o observador ou seus efeitos sobre ele.

Cognição B: representa a percepção do objeto em seu próprio ser, sem ênfase em suas qualidades e necessidades de gratificação ou de frustração. Busca o fim em si mesma.

Quando a pessoa amadurece, pode distinguir entre os pseudoproblemas neuróticos ou triviais e os problemas reais, inevitáveis, existências, inerentes à natureza do homem.

A pessoa madura vive dois mundos, o interior e o exterior. Nestes, embora estejam em constante interação podem-se destacar processos e experiências distintas em cada um deles.

Observa-se que a analogia com a maturidade de modo algum é perfeita, mas em geral é verdade como uma crescente consciência ou firmeza da identidade pessoal.

James Macdonald (1964) descreveu duas outras experiências de crescimento encontradas no processo de desenvolvimento humano. São elas: experiências de significados pessoais e experiências de significados definidos culturalmente.

O eu em crescimento precisa ter significados pessoais e significados culturais para sua realização, mas estes dois sistemas de significados não são comportamentos separados dentro do indivíduo. Eles são funcionamentos integrados num esforço intencional do indivíduo.

Enfatizando a importância pessoal, Combs (1959) concorda com Macdonald na necessidade de interagir os dois significados.

Embora o programa educacional deva introduzir nos variados e amplos domínios de significados culturais, este deve permanecer sensível e responsivo a ampla extensão de significados pessoais do aluno, a fim de ajudá-lo a integrar os dois domínios de significados. Este processo de integração resultará em uma apreensão mais profunda tanto intelectual como valorativa da realidade.

Huebner (1963) acentua a importância do “encontro” com os outros no processo de crescimento do indivíduo e ao contrário das relações humanas da escola em geral, ele não enfatiza tanto a formação de atitudes pelo grupo, ou o pertencer ao grupo, mas antes a importância da conversação entre os membros do grupo. Estabelecendo significações comuns, intersubjetividades.

Para o autor, as relações são estabelecidas através da conversação. A conversação entre amigos difere da conversação de um grupo, mas qualquer que seja o ambiente é pelo diálogo que o indivíduo faz contato com os demais.

TEXTO 1.1: Definição dos objetivos gerais de um currículo Humano³

Rafaella Natalicio

O impulso em direção ao crescimento do ser humano se refere a uma gradual liberdade. O indivíduo liberta-se gradualmente da ignorância e do medo de si mesmo, do desconhecido, da autoridade, da insegurança e do medo do comprometimento e do risco. A libertação dos temores e da ignorância capacita o indivíduo a responder ao seu ambiente com compaixão, compreensão e decisão. Capacita-o para ser livre e para explorar novas áreas de seu mundo, livre para aceitar novas pessoas em sua vida, livre para comprometer-se com seu mundo e livre a serviço de seu próximo. Esta libertação está associada à força, confiança, estilo e conhecimento interior.

Esta libertação do medo e da ignorância capacita o indivíduo a dar-se livremente aos outros e a seu mundo.

Pode-se ver a história humana como a luta do homem para libertar-se das limitações físicas, das adversidades impostas pela geografia, da opressão política dentro da comunidade ou agressão militar e econômica de comunidades ou de nações vizinhas, da ignorância sobre a natureza e sobre os seus próprios males mentais e físicos internos. Deste ponto de vista entende-

³ Texto elaborado a partir da leitura do livro: Thomas J. SERGIOVANNI e Robert J. STARRAT, Novos padrões de supervisão escolar, p.322-325.

se que a história humana faz sentido como a busca do homem pela liberdade de ser suficiente humano para amar a vida.

TEXTO 2: Um enfoque fenomenológico do social ⁴

Rafaella Natalicio

O texto “Ser no mundo como ser si mesmo, o a gente”, extraído do livro Ser e Tempo de Martin Heidegger, nos convida a pensar o ser no mundo a partir da vida cotidiana. Refletindo sobre os fenômenos ônticos⁵ e seus aspectos ontológicos⁶, ou seja, sobre as características ontológicas do ser humano que são também chamadas existenciais.

A expressão “ser-no-mundo” para Heidegger corresponde às várias maneiras do ser humano existir e de se relacionar com os entes envolventes⁷. “Ser com” é a característica fundamental e genuína de como me relaciono, atuo, sinto, penso, vivo com os meus semelhantes. Ser com o outro é a característica fundamental que o autor descobre no existir humano.

O relacionar-se com alguém, com o outro, numa maneira significativa e envolvente, é o que o autor chama de solicitude, ou seja, uma forma de cuidar do outro.

Há duas maneiras pendulares de cuidar do outro : pôr o outro no colo, mima-lo ou por se a frente possibilitando ao outro crescer assumir seus próprios caminhos, encontrar-se consigo mesmo.

Heidegger ao mesmo tempo em que apresenta a inautenticidade do modo de ser cotidiano, nos fala da possibilidade da autenticidade, não como

⁴ Texto elaborado a partir da leitura do livro: Dulce Mara CRITELLI, todos nós...Ninguém: um enfoque fenomenológico do social.

⁵ Fenômenos ontico: percepções de imediato.

⁶ Aspecto ontológico: característica fundamental para algo tornar-se manifesto.

⁷ Entes envolventes: pessoas que estão ao redor.

uma extirpação do “a gente”, mas como uma modificação existencial do ser humano, na busca de alcançar a autonomia. O ser humano oscila entre estas duas possibilidades.

TEXTO 2.2: Para recuperar a educação: Uma aproximação à ontologia heideggeriana⁸

Rafaella Natalicio

Como base em Heidegger, Dulce Mara Critelli nos traz a possibilidade de refletir sobre as mais variadas formas de existência do ser e coloca-nos o desafio de pensar sobre a educação a partir da ontologia heideggeriana⁹.

Pensar a educação neste caminho exige de nós uma preocupação com a educação em si e não apenas como uma construção técnica de ensinar.

Segundo a autora, em nossa contemporaneidade, confinamos à educação a escola. Como se apenas um setor ou instituição da sociedade se encarregasse dela. Sectarizamos também o fenômeno educação aos adjetivos com os quais o caracterizamos. Falamos em educação religiosa, em educação social, em educação familiar entre outras, e assim acabamos de perder de vista a própria educação na sua essência. Nesta especificação o que acaba por ter prioridade é aquilo que a adjetiva.

A educação é assim vista como uma tarefa a ser concretizada. Uma tarefa é uma obra e toda obra depende de uma ação que a planifique. A tarefa e ação embora apareçam imbricadas uma na outra, não se confundem.

⁸ Texto elaborado a partir da leitura do livro: Dulce Mara CRITELLI, todos nós...Ninguém: um enfoque fenomenológico do social.

⁹ Ontologia Heideggeriana: Teoria ou ciência do ser enquanto ser. Independente do modo pelo qual se manifesta. A existência cria e precede a essência das coisas.

A mentalidade pragmática, portanto não está atenta a esta distinção e acaba por tomar a tarefa, que é o seu objetivo, pela ação.

Quando onticamente nos utilizamos da educação como uma tarefa, damos a ela um outro atributo, o ser instituição.

Educação desta forma é a tarefa de instruir, instrumentar, cujo empreendimento é de responsabilidade dos órgãos oficializados. Instruir é treinar, condicionar, informar, adestrar.

Educar, por sua vez, do latim ex-educere, que quer dizer “conduzir ao arrancar para fora” subtende sair de uma condição de existência para outra.

Tendo como fundamento o modo de ser com os outros, a educação constitui-se na “circumundaneidade” que Heidegger nos fala no existir cotidiano. No envolvimento com o mundo é que os outros são por nós encontrados. Nesse envolvimento com o mundo, “somos uns com os outros”.

A educação se dá nesse modo básico e habitual de ser e desta forma encontra sua “oportunidade”. O cotidiano ser com os outros, é o modo de ser como os outros, o modo do “ninguém”, da inautenticidade do “a gente”. (modo de ser em alienação).

O mundo circumundano, em suas características próprias, é um mundo que está sempre levando o “ser aí” de uma condição de existência para outra.

Se ao homem é dada a condição de ser em possibilidades, tanto a inautenticidade como a autenticidade como modo de ser lhe são abertos. Tanto uma como outra se desdobram no modo pelo quais os homens se relacionam entre si, quer dizer, na solitudine.

A partir da solicitude é que a educação deve ser pensada, uma vez que é apresentada como “oportunidade”, pois o existir solícito é algo que acontece ao ser no mundo.

O homem absorve-se no mundo onde faz sua morada, referindo-se e cuidando envolvidamente deste mundo. Nisto está implícito a temporalidade. O futuro abre ao homem este estar aqui. O homem descobre-se sendo aqui, para ser lá. O que se faz agora e aqui recebe seu sentido do lá do mundo. O referir-se ao mundo cuidando dele, tem um caráter temporal, nisto a solicitude se desdobra e ela também tem um caráter temporal. Em razão desta temporalidade é que a solicitude pode desenvolver-se enquanto consideração e paciência ou desconsideração e negligência.

TEXTO 3: Buscando o sentido das palavras: construindo as bases para um trabalho participativo na escola ¹⁰

Rafaella Natalicio

Ao iniciar o texto, a autora destaca algumas palavras que são tomadas com diferentes sentidos e empregadas em diferentes contextos na fala das pessoas que trabalham com educação, tais como: democracia, diálogo, decisão consensual, buscando identidade, autonomia e participação.

Temos sido expostos a elas como se tivessem um sentido único para todos e, evidentemente esse sentido seria aquele por nós atribuídos no cotidiano.

Sentimentos e emoções valem-se destes códigos. Fazem-no porém de tal forma que se modificam conforme a entonação da voz ou a expressão corporal do interlocutor, ampliando ou enfraquecendo a força do que foi dito. Os ritmos, a localização no conjunto da proposição e do texto, como um todo, podem atenuar, ou endurecer ou ainda fazer cessar a oportunidade da comunicação.

No cotidiano vivemos em um estado de fascinação pelo mundo, estado que Heidegger denomina viver ôntico, o de todos nós, o de ninguém, o da gente, que outros autores denominam alienação. A alienação pode ser de si mesmo em favor do outro, em favor do mundo, da sociedade da cultura, do poder hierárquico.

¹⁰ Texto elaborado a partir da leitura: Vitória Helena Cunha ESPÓSITO, Buscando o sentido das palavras: Construindo as bases para um trabalho participativo na escola In Helena Machado de Paula ALBUQUERQUE e Maria Anita Viviani MARTNS (org). Fazendo educação continuada.

A libertação deste estado de alienação só é possível com o conhecimento das nossas próprias facticidades¹¹ e das facticidades do mundo.

Só a curiosidade da busca e a cumplicidade da escuta torna possível o caminho para o diálogo e possivelmente o encontro de horizontes. Para que este encontro ocorra, temos de estar atentos à condição humana, aos modos existenciais de ser: à linguagem como forma de expressar o afirmado pelo ser, à compreensão, como possibilidade e disposição de se abrir ao dito e, à afetividade, como aquilo que nos afeta e inquieta.

Com estudos da Gestalt e de Merleau-Ponty, no que se refere à percepção humana, desvela-se outra forma de ver e interpretar o mundo, que privilegia a “experiência perceptual”, não deixando escapar vivências, perfis, e movimentos geradores de tensões e proximidades.

Nesse sentido emergem horizontes perceptuais, criando delimitações que não precisam ser contidas em limites físicos ou naturais, pois podem ser criados pela imaginação ao articular e qualificar o espaço, seja no interior, seja no exterior das coisas, ultrapassando o tempo cronológico, desafiando nossa apreensão do mundo, que passa, então, a ser ressignificado

Sabemos atualmente que o conflito é um componente humano indispensável ao desenvolvimento humano e social e a realidade do mundo não é absoluta, é uma realidade aparentemente significativa para o sujeito, portanto, se tivermos clareza dos princípios que regem nossas ações e a direção da consciência comprometida com os princípios democráticos, saberemos, ainda que com alguma dificuldade, construir fundamentos

¹¹ Facticidades: Limitações impostas ao homem pela própria contingência ou limitação ambiental, que estão no mundo que o cerca e o precede, e pelas quais ele se encontra sempre já comprometido com uma situação não escolhida.

consistentes para a mudança. Caso contrário seremos cúmplices da participação alienada.

APÊNDICE

CRONOGRAMA

Escolha do tema	Março/2008
Levantamento bibliográfico	Abril/2008
Elaboração do desenvolvimento do trabalho	Mai e Junho/2008
Delimitação do problema	Junho /2008
Justificativa	Março/2008
Elaboração do projeto de intervenção	Agosto /2008
Elaboração da assessoria pedagógica	Setembro /2008
Apresentação	27/11/2008

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Tradução por RAMOS, Joaquim José de Moura. Lisboa: Presença, 1980.

BUENO, Francisco da Silva. *Minidicionário da Língua Portuguesa*; Ed ver. e atual. Por Helena Bonito C. Pereira, Rena Signer.-São Paulo:FTD: LISA, 1996

ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha. *Buscando o sentido das palavras: construindo as bases para um trabalho participativo na escola* In ALBUQUERQUE, Helena Machado de Paula e MARTINS, Maria Anita Viviani (org.). *Fazendo educação continuada*. São Paulo: Avercamp, 2005.

ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha. Autonomia e Heteronomia na Escola: o coletivo e o individual na educação. *Revista pesquisa qualitativa*, São Paulo, n.1.p 29-43, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *Todos Nós ...Ninguém :Um enfoque fenomenológico do social*. Traduzido e comentado por CRITELLI, Dulce Mara. São Paulo: Moraes, 1981.

LUCK, Heloísa. *Gestão educacional: estratégia para a ação global e coletiva no ensino* In Educação: Caminhos e Perspectivas. COELHO, Livia Dias (org.). Curitiba, Paraná: Champagnat, 1997.

SERGIOVANNI, Thomas J. e STARRAT, Robert J. *Novos padrões de supervisão escolar*. Tradução por Faustini, Loyde A. São Paulo: EPU; Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. p. 291-302 e 322-325.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico: 23ª ed.* São Paulo: Cortez, 2007.

TRIGO, Maria Helena Bueno. *Habitus, campo, estratégias: uma leitura de Bourdieu*. 24º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos. São Paulo: Notícias do CERU, 1998.

CARVALHO, Ms. Rosa Doraci Vieira. *Gestão escolar: mudança de paradigma*. Disponível em <http://www.ffcl.edu.br/noticias/noticias2005/paradigmatica.htm>
Acesso em 15/10/2008.